

Espacialidade e infinitude na literatura

Mário Santiago

“...a maior parte das pessoas pode compreender um quadro com menos problemas pelo desvio das palavras, do que pelo caminho direto”.

(Maurits C. Escher, *Gravura e desenhos*)

“A obra é a espera da obra”.

(Maurice Blanchot, *O livro por vir*)

“A obra de linguagem é o próprio corpo da linguagem que a morte atravessa para lhe abrir esse espaço infinito em que repercutem os duplos”.

(Michel Foucault, *Ditos e escritos*, Vol. III)

“A literatura só pode viver se se propõe a objetivos desmesurados, até mesmo para além de suas possibilidades de realização”.

(Italo Calvino, *Seis propostas para o próximo milênio*)

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é realizar a leitura de alguns contos de Jorge Luis Borges, a partir de um conjunto de idéias encontradas no ensaio *A linguagem ao infinito*¹ e na conferência *Linguagem e literatura*,² de Michel Foucault (esta última pronunciada pelo autor nas Facultés Universitaires Saint-Louis, Bruxelas em 1964), nos quais o autor discorre sobre algumas questões relacionadas à presença da noção de espaço na linguagem e na narrativa literária.

A escolha dos textos de Borges e Foucault resulta do interesse em coligir material para a pesquisa que vem se realizando em função de projeto de dissertação, que aborda a questão da visibilidade na obra literária, bem como na importância de compreender melhor, pela ampliação dos meios consultados, a questão formulada por Foucault acerca da possibilidade de se realizar

...ou pelo menos esboçar, à distância, uma ontologia da literatura a partir desses fenômenos de auto-representação da linguagem (...) que são aparentemente da ordem do artifício ou da diversão (mas que) escondem, ou melhor, traem, a relação que a linguagem mantém com a morte – com esse limite para o qual ela se dirige e contra o qual ela é construída. (FOUCAULT, 2001a:50)

Já no início deste trabalho, tentar-se-á relacionar os textos escolhidos ao estudo sobre as *mônadas*, do filósofo alemão G. W. Leibniz e, ao longo de todo o texto que se segue, a

¹ FOUCAULT, Michel. *A linguagem ao infinito*. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 47-59. (Coleção Ditos & Escritos: III)

² FOUCAULT, Michel. *Linguagem e literatura*. Trad. Jean-Robert Weissaupt e Roberto Machado. In MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 187p.

alguns trabalhos do artista gráfico holandês Maurits C. Escher, que oferecem importantes elementos, do ponto de vista filosófico e gráfico, para a compreensão da dimensão espacial na literatura.

Buscou-se ainda, para essa confrontação, a contribuição de Maurice Blanchot, através das obras *O livro por vir*,³ e *A conversa infinita – a palavra plural*,⁴ nas quais esse autor aborda a infinitude espacial na obra literária.

AS PALAVRAS E AS MÔNADAS

Com a ajuda de Leibniz, mais especificamente da sua *monadologia*,⁵ pode-se tentar estabelecer alguma comparação das mônadas com as palavras. Segundo o pensador idealista alemão, as mônadas consistem numa espécie quantitativamente infinita de substâncias não materiais, as unidades mais simples da existência, cada uma delas se constituindo numa substância simples diferente. As mônadas, sendo substâncias sem extensão, são, na realidade, mais energia que matéria e habitam o ser humano. Nessas substâncias, na sua simplicidade, já se pode encontrar a potencialidade do que, desdobrando-se, cada uma delas pode vir a ser, infinitamente. Da mesma forma como pode ocorrer com as palavras:

³ BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 385p.

⁴ BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita – a palavra plural*. Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001. 142p.

⁵ LEIBNIZ, G.W. *A monadologia*. Trad. Marilena Chuai. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 102-115. (Coleção Os pensadores).

56. ...este enlace ou esta acomodação de todas as coisas criadas a cada uma e de cada uma a todas as outras faz cada substância simples ter relações que exprimem todas as outras e ser, portanto, um espelho vivo e perpétuo do universo. (LEIBNIZ, 1979:110)

Leibniz, ele que fora, também, bibliotecário, oferece, no tópico seguinte da sua obra, uma possibilidade de comparação com o início de *El libro de arena*⁶ de Jorge Luis Borges. Em ambos, a idéia de infinitude parece estar presente:

57. ... como a mesma cidade parece outra e se multiplica respectivamente sendo observada de diversos lados, o mesmo sucede quando, pela infinita quantidade das substâncias simples, parece haver outros tantos universos diferentes, que, no entanto, são apenas as perspectivas de um só, segundo os diferentes pontos de vista de cada Mônada. (LEIBNIZ, 1979:111).⁷

Embora nesse conto Borges questione o *more geométrico*, é inevitável a comparação, pela imagem espacial, que se pode fazer com a afirmação de Leibniz, acima:

La línea consta de un número infinito de puntos; el plano, de un número infinito de líneas; el volumen, de un número infinito de planos; el hipervolumen, de un número infinito de volúmenes... (BORGES, 2006a).

Em *A Biblioteca de Babel*, da mesma forma, pode-se comparar o texto de Borges com as idéias de Leibniz:

O universo (que outros chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por balastradas baixíssimas. De qualquer hexágono, vêem-se os andares inferiores e superiores: interminavelmente. A distribuição das galerias é invariável. Vinte prateleiras, em cinco longas estantes de cada lado, cobrem todos os lados menos dois; sua altura, que é a dos andares, excede apenas a de um bibliotecário normal. (BORGES, 2001:91)

⁶ BORGES, Jorge Luis. *El libro de arena*. Disponível em : <<http://www.sololiteratura.com/bor/borellibrodearena.htm>> [consulta: 22/01/2006].

⁷ Cf. M. C. Escher, *Procissão na Crypta*, Fig. 1.

A idéia de infinitude está continuamente presente nos trabalhos de M.C. Escher, a exemplo de *A torre de Babel*⁸, onde o artista exprime que, diante da impossibilidade de compreensão das muitas línguas faladas por eles, os trabalhadores que construíam a torre tiveram que parar o seu trabalho. Da mesma maneira que no conto de Borges, vista de uma perspectiva descendente, o que se observa do alto da torre é a sua inconclusão, uma forma de limite em aberto, infinito. Ainda a propósito da infinitude diz Escher que

...não podemos imaginar que algures por detrás da estrela mais longínqua do céu nocturno, o espaço possa ter um fim, um limite para além do qual nada mais existe. O conceito de vácuo diz-nos ainda alguma coisa, pois um espaço pode estar vazio (...), mas a nossa força de imaginação é incapaz de apreender o conceito de nada no sentido de ausência de espaço...⁹

É Foucault quem nos diz, ao analisar o conto de Borges, que o espaço da linguagem é hoje sustentado pela *Biblioteca* e não mais pela retórica; que esse espaço se caracteriza

...pela sustentação ao infinito das linguagens fragmentares, (pela) linha simples, contínua, monótona de uma linguagem entregue a si mesma, devotada a ser infinita porque não pode mais se apoiar na palavra do infinito (embora seja aí que ela encontra) a possibilidade de se desdobrar, de se repetir, de fazer nascer o sistema vertical dos espelhos, imagens de si mesma, das analogias. (FOUCAULT, 2001a:58)

⁸ Cf. M. C. Escher, *A torre de Babel*, Fig. 2

⁹ M. C. Escher, apud ERNST, Bruno, *The Magic Mirror of M. C. Escher*. England: Tarquin, 1978. Excerto disponível em: < <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/escher/obra1.html> > [consulta: 22/02/06].

A INFINITUDE DAS PALAVRAS

Em *A linguagem ao infinito*, Foucault afirma que o início da literatura tem a sua marca no final do século XVIII, “quando aparece uma linguagem que retoma e consome em sua fulguração outra linguagem diferente, fazendo nascer uma figura obscura mas dominadora na qual atuam a morte, o espelho e o duplo, o ondeado ao infinito das palavras”. (FOUCAULT, 2001a:57).

“Escrever para não morrer, como dizia Blanchot, ou talvez mesmo falar para não morrer é uma tarefa sem dúvida tão antiga quanto a fala.” (FOUCAULT, 2001:47). Na *Biblioteca* de Borges, nos seus intermináveis hexágonos, andares e galerias, pode-se compreender uma linguagem que, multiplicando-se ao infinito, parece distanciar-se, também infinitamente, da morte: “Uma das faces livres dá para um estreito vestíbulo, que desemboca em outra galeria, idêntica à primeira e a todas (...). Por aí passa a escada espiral, que se abisma e se eleva ao infinito.” (BORGES, 2001:91/92).

Ao descrever a *Biblioteca* Borges parece descrever a própria linguagem, em suas infindáveis possibilidades modulatórias. No conto de Borges, diz Foucault, pode ser lido tudo o que já pôde ser dito, tudo o que todas as línguas já puderam dizer e aí “é possível encontrar (...) todas as linguagens concebidas, imaginadas, e mesmo as concebíveis, imagináveis...” (FOUCAULT, 2001a:57/58):

Como todos os homens da Biblioteca, viajei na minha juventude; peregrinei em busca de um livro, talvez do catálogo de catálogos; agora que meus olhos quase não podem decifrar o que escrevo, preparo-me para morrer, a poucas léguas do hexágono onde

nasci. Morto, não faltarão mãos piedosas que me joguem pela balaustrada; minha sepultura será o ar insondável; meu corpo cairá demoradamente e se corromperá e dissolverá no vento gerado pela queda, que é infinita. Afirmo que a Biblioteca é interminável. (BORGES, 2001:92)

No conto *El libro de arena* Borges deixa entrever, mais uma vez, a forma pela qual o caráter de infinitude espacial da literatura se faz presença e imanência da própria obra literária:

Luego bajó la voz como para confiarme un secreto:
 -Lo adquirí en un pueblo de la llanura, a cambio de unas rupias y de la Biblia. Su poseedor no sabía leer. Sospecho que en el Libro de los Libros vio un amuleto. Era de la casta más baja; la gente no podía pisar su sombra, sin contaminación. Me dijo que su libro se llamaba el Libro de Arena, porque ni el libro ni la arena tienen principio ni fin.
 Me pidió que buscara la primera hoja.
 Apoyé la mano izquierda sobre la portada y abrí con el dedo pulgar casi pegado al índice. Todo fue inútil: siempre se interponían varias hojas entre la portada y la mano. Era como si brotaran del libro. (BORGES, 2006a, grifo nosso)

Ao ler o texto de Jorge Luis Borges pode-se, também, entender que a própria literatura está em busca desse livro infinito, cuja leitura é capaz de realizar acréscimos à realidade, conferindo-lhe, por paradoxal que pareça, menos realidade, mostrando-lhe novos desvios e possibilidades de escapar do imenso labirinto que é o mundo e a também infinda aventura humana.

Em *El libro de arena*, por fim, novamente nos encontramos com a literatura de Borges como sendo a intenção de retratar algo que sempre escapará dos olhares incapazes de detectar o fugidio, os deslocamentos e desdobramentos das palavras e o seu infindável leque de significados, construindo equivalências até onde isto parece ser menos possível:

“Me llamó la atención que la página par llevara el número (digamos) 40.514 y la impar, la siguiente, 999. La volví; el dorso estaba numerado con ocho cifras”. (BORGES, 2006a).

Já em outro conto, o conhecidíssimo *El Aleph*, o escritor argentino descreve movimentos quase vertiginosos de um objeto, de um ponto, através do qual todos os outros pontos podem ser vistos, podemos nos encontrar com a linguagem em seus múltiplos desdobramentos, como que se contorcendo para dar conta do que não está, *a priori*, revelado:

- Está en el sótano del comedor - explicó, aligerada su dicción por la angustia -. Es mío, es mío; yo lo descubrí en la niñez, antes de la edad escolar. La escalera del sótano es empinada, mis tíos me tenían prohibido el descenso, pero alguien dijo que había un mundo en el sótano. Se refería, lo supe después, a un baúl, pero yo entendí que había un mundo. Bajé secretamente, rodé por la escalera vedada, caí. Al abrir los ojos, vi el Aleph.

(...)

- Sí, el lugar donde están, sin confundirse, todos los lugares del orbe, vistos desde todos los ángulos. A nadie revelé mi descubrimiento, pero volví. ¡El niño no podía comprender que le fuera deparado ese privilegio para que el hombre burilara el poema! No me despojarán Zunino y Zungri, no y mil veces no. Código en mano, el doctor Zunni probará que es inajenable mi Aleph. (BORGES, 2006b, grifos nossos)

Comentando sobre o infinito literário de *El Aleph*, Maurice Blanchot compreende que Borges tem na experiência da literatura uma proximidade com os paradoxos, como se a “verdade da literatura (estivesse contida) no erro do infinito” (BLANCHOT, 2005:136), exatamente paradoxal ao mundo real em que tudo é quase totalmente limitado. “Bastamos alguns passos para sair de nosso quarto, alguns anos para sair de nossa vida” (BLANCHOT, 2005:136). Complementando, diz o autor: “Para o homem desértico e labiríntico, destinado à errância de uma marcha necessariamente um pouco mais longa do

que sua vida, o mesmo espaço será verdadeiramente infinito...” (BLANCHOT, 2005:137), pois a errância transforma o finito em infinito.

Em um ensaio intitulado *A esfera de Pascal*, Borges nos põe diante de uma metáfora espacial ("La naturaleza es una esfera infinita, cuyo centro está en todas partes y la circunferencia en ninguna" [BORGES,2006c]) que sofreu variadas interpretações ao longo da história do pensamento, desde a Idade Média (Deus seria essa esfera infinita) à forma pela qual Giordano Bruno compreendeu a concepção de mundo de Nicolau Copérnico. Para Pascal, essa esfera sem circunferência, onipresente, representava a própria concretude das coisas. “Quizá la historia universal es la historia de unas cuantas metáforas (ou é, até mesmo) la historia de la diversa entonación de algunas metáforas” (ibid.), assim como “La Historia de la literatura no debería ser la historia de los autores y de los accidentes de su carrera o de la carrera de sus obras sino la Historia del Espíritu como productor o consumidor de literatura.”¹⁰

Nessa curvatura infinita, tudo o que imaginávamos ser, antes, já terá se tornado um depois. Segundo Borges, foi essa curvatura infinita do universo que fez com que os homens se sentissem perdidos, no tempo e no espaço:

En el tiempo, porque, si el futuro y el pasado son infinitos, no habrá realmente un cuándo; en el espacio, porque si todo ser equidista de lo infinito y de lo infinitesimal, tampoco habrá un dónde. Nadie está en algún día, en algún lugar; nadie sabe el tamaño de su cara. (ibid.)

¹⁰ Cf. Jorge Luis Borges, *La flor de Coleridge*, in *Otras ficciones*.

Raciocinando com a ajuda do conto de Borges, nesse tempo e espaço infinitos o quando e o onde também se tornam fatalmente indeterminados e nessa indeterminação essencial se tornam aptos a um número também indeterminado de possibilidades exploratórias que os faz sempre voltar a ser diferentes de si mesmos, tornando-se sempre outros, susceptíveis de transformar-se no seu contrário. Se é assim, sua face se torna indiscernível, indeterminada, sua identidade se fragmenta, cedendo lugar a um interminável retorno a si mesmo, como a experiência vivida por Escher, ao segurar a esfera refletora em sua mão:

Nesse espelho (o artista) vê uma imagem mais perfeita do ambiente que o rodeia, do que seria possível através da directa observação. Neste pequeno disco é reproduzido comprimidamente, mesmo que deformado, quase a totalidade do espaço à sua volta – quatro paredes, chão e tecto do quarto. A cabeça, ou melhor, o ponto entre os seus olhos, encontra-se no centro. Para onde quer que se vire, ele será o ponto central. O Ego é invariavelmente o núcleo do seu mundo. (ESCHER, 2004:13) ¹¹

Lembrando Blanchot, para esse artista, “... o livro é, em princípio, o mundo, e o mundo não é um livro”. (BLANCHOT, 2005:138)

¹¹ Cf. M. C. Escher, *Mão com esfera refletora*, Fig. 3

CONCLUSÃO

Literatura como repetição

Segundo Michel Foucault, “...a literatura é uma linguagem ao infinito, que permite falar de si mesma ao infinito”. (FOUCAULT, 2005:155). Essa infinitude da obra literária pode ser assegurada, segundo ele, por uma espécie de “linguagem segunda”, que é a crítica da literatura tal como vem se realizando, na qual se pode verificar uma espécie de deslocamento daquilo que já fora o centro de interesse da crítica literária, ou seja, as circunstâncias psicológicas dos personagens envolvidos na narrativa, para a forma mesma da escrita, da densidade do texto, das suas configurações: “...a crítica deixa de querer ser uma leitura melhor ...mais matinal, ou mais bem armada, e está se tornando, ela própria um ato de escrita.” (FOUCAULT, 2005:156/157). Admitindo ser esta segunda escrita algo que se realiza em relação à escrita primeira, pode-se reconhecer que nessa segunda escrita residem alguns elementos que asseguram que a obra criticada está se expandindo, pela repetição, entrançando-se, formando, assim, “...um enredo, uma rede de pontos e linhas (...) que, em geral, se cruzam, se repetem, se superpõem, se defasam para finalmente formar (...) o atual hieróglifo flutuante da escrita em geral”. (ibid.) . Só na obra de linguagem se pode encontrar repetições, só aí ela é possível e parece ser constitutiva da própria literatura, sem que com isso a repetição seja uma espécie de presença inerte na obra. Ao contrário, “...escrever, no sentido literário, é situar a repetição no âmago da obra”. (FOUCAULT, 2005:160/161)

Literatura como espaço da escrita

Para Foucault, a linguagem sempre vai manifestar a presença de alguns requerimentos de talhe espacial, arquitetônico, sintático. Isto talvez nos conduza a pensar o espaço como sendo o ser da literatura. Na conferência aqui rapidamente comentada, Foucault, em alguns momentos, se dispõe a falar da importância da constituição de uma certa ontologia da linguagem, cuja realização estaria fadada a se ocupar do espaço e, não mais, do tempo, dos valores espaciais verificáveis nas diferentes formações culturais das quais a literatura emerge. Neste ponto, Foucault nos possibilita refletir sobre questões já indicadas anteriormente neste trabalho como, por exemplo, a importância das dimensões esféricas do pensamento, presentes tanto no conto de Borges, *La esfera de Pascal*, quanto na gravura *Mão com esfera refletora*, de Maurits Escher. Citando Foucault,

...no espaço da esfera, desde o final do século XV até mais ou menos o início do século XVII, durante todo o início da Idade Clássica (...) a esfera (...) não foi apenas uma figura privilegiada na iconografia ou na literatura; foi, na realidade, a figura espacializante por excelência, o lugar absoluto e originário onde se situavam todas as outras figuras de cultura renascentista e barroca. A curva fechada, o centro, a cúpula, o globo irradiante não são formas simplesmente escolhidas pelas pessoas dessa época, mas os movimentos pelos quais são dados silenciosamente todos os espaços possíveis dessa cultura, inclusive o espaço da linguagem. (FOUCAULT, 2005:169)

Após isso, o que se pode constatar é que, em suas diferentes formas de manifestação, a dimensão espacial da linguagem tem sempre se realizado através das formações circulares, das repetições que possibilitam a realização de apreensões culturais, do exterior da própria obra, levando-a ao seu ponto de partida. Todavia, isto não anula a dimensão de interioridade da obra, “...que não é exatamente sua composição, o que tradicionalmente se chama de seu ritmo ou seu movimento, mas o espaço profundo de onde vêm e onde circulam as figuras da obra.” (FOUCAULT, 2005:170)

Por estar tratando, nessa explanação, de um campo de reflexão ainda em esboço, segundo ele mesmo diz, Foucault indica a necessidade de dar continuidade à realização da tarefa de pensar a literatura, do ponto de vista crítico, filosófico (ontológico) e lingüístico, como “...um espaço no qual as palavras, os fonemas, os sons, as siglas escritas, podem ser, em geral, signo...” (FOUCAULT, 2005:173), porque talvez, “...a literatura seja fundamentalmente a relação que está se constituindo, que está se tornando obscuramente visível, mas não pensável, entre a linguagem e o espaço”. (ibid.)

Impossível concluir este trabalho (mesmo que ainda consideremos o assunto, pela sua importância, merecedor de uma análise mais competente e do seu alongamento por direções que aqui ainda não puderam ser senão tangenciadas) sem mencionar, talvez à guisa de justificativa maior da escolha realizada, três questões que foram decisivas para isto. Primeiro, ao comentar a experiência da exterioridade, Foucault nos diz que “A fala da fala nos leva à literatura, mas talvez também a outros caminhos, a esse exterior onde desaparece o sujeito que fala” (FOUCAULT, 2001b:221). Depois, a importante afirmação de Maurice Blanchot, que já ocupa a lista de epígrafes deste texto: “A obra é a espera da obra” (BLANCHOT,2005:352). Finalmente, a litogravura de Maurits Escher, em *Galeria de arte*:¹²

Como variação do tema da estampa ‘Varanda’ (alargamento para o centro), produz-se aqui um alargamento circular em volta do centro vazio, no sentido dos ponteiros do relógio. Em baixo, à direita, entramos por uma porta numa galeria com quadros sobre mesas e pendurados nas paredes. A seguir, encontramos um visitante de mãos atrás das costas e, depois, no canto inferior à esquerda, um jovem quatro vezes maior. A cabeça dele está, por outro lado, muito aumentada em relação à mão. Ele observa o último quadro duma série, na parede, e segue com os olhos, sucessivamente, os pormenores: o barco, a água e as casas em plano de fundo. Dali continua o seu olhar, da esquerda para a direita, ao longo dos quarteirões de casas, cada vez mais aumentadas. Ali, uma mulher

¹² Cf. M. C. Escher, *Galeria de arte*, Fig. 4

olha pela janela aberta, para baixo, para o telhado inclinado que cobre a galeria. Exactamente aqui começámos nós a nossa volta. O jovem vê todas estas coisas como pormenores bidimensionais dum quadro que observa. Se o seu olhar ainda continuar a vaguear um pouco, ver-se-á ele próprio como parte do quadro.” (ESCHER, 2004:16).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 385p.
- BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita – a palavra plural*. Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001. 152p.
- BORGES, Jorge Luis. El libro de arena. Disponível em: <<http://www.sololiteratura.com/bor/borellibrodearena.htm>> [consulta: 22/01/2006a].
- BORGES, Jorge Luis. *El Aleph*. Disponível em: <<http://www.apocatastasis.com/aleph.htm>> [consulta: 22/2/2006b].
- BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Trad. Carlos Nejar. 3. ed., São Paulo: Globo, 2001. 197p.
- BORGES, Jorge Luis. *La esfera de Pascal*. In *Otras inquisiciones*. Obras completas VII, Buenos Aires: Editora Emecé. Disponível em: <<http://www.temakel.com/artesferaborges.htm>> [consulta: 22/02/2006c]
- ERNST, Bruno. *The Magic Mirror of M. C. Escher*. England: Tarquin, 1978. Excerto disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/escher/obra1.html>> [consulta: 22/02/06]
- ESCHER, Maurits C. *Gravura e desenho*. Trad. Maria Odete Gonçalves-Koller. Köln: Taschen, 2004. 76p.
- FOUCAULT, Michel. *A linguagem ao infinito*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a. p. 47-59. (Coleção Ditos & Escritos: III)
- FOUCAULT, Michel. *O pensamento do exterior*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b. p. 219-242. (Coleção Ditos & Escritos: III)
- FOUCAULT, Michel. *Linguagem e literatura*. Trad. Jean-Robert Weisshaupt e Roberto Machado. In *Foucault, a filosofia e a literatura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 187p.
- LEIBNIZ, G.W. *A monadologia*. Trad. Marilena Chuaí. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 102-115. (Coleção Os Pensadores)



Fig. 1
Maurits Escher
Procissão na Crypta (entalhe em madeira 0,31x0,42cm., 1927)



Fig. 2
Maurits E. Escher
Torre de Babel (entalhe em madeira 0,29x0,48cm., 1928)



Fig. 3
Maurits Escher
Mão com esfera refletora (litogravura 0,42x0,60, 1935)

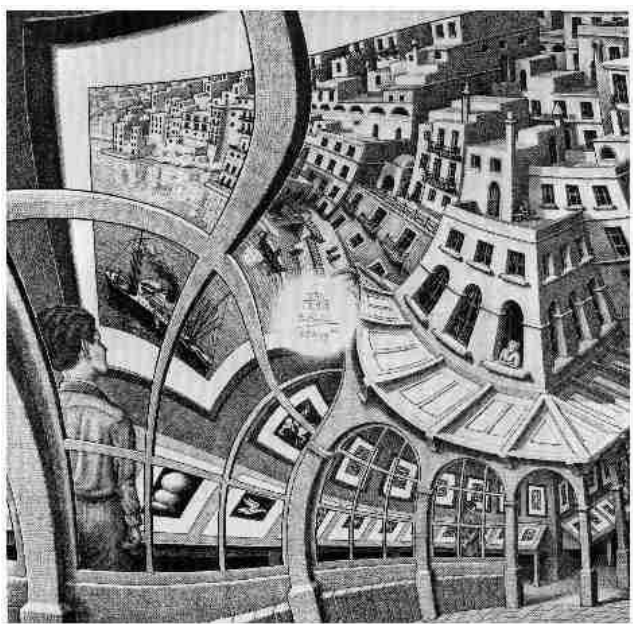


Fig. 4
Maurits Escher
Galeria de arte (litogravura 0,47x0,46cm., 1956)